

PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Monday 19 May 2003 (morning)

Lundi 19 mai 2003 (matin)

Lunes 19 de mayo de 2003 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d'y être autorisé.
- Rédiger un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.

Faça o comentário de um dos textos seguintes:

1. (a)

Apelo à poesia

- Porque vieste? – Não chamei por ti!
Era tão natural o que eu pensava,
(Nem triste, nem alegre, de maneira
Que pudesse sentir a tua falta...)
- 5 E tu vieste,
Como se fosses necessária!
- Poesia! Nunca mais venhas assim:
Pé ante pé, cobardemente oculta
Nas ideias mais simples,
10 Nos mais ingénuos sentimentos:
Um sorriso, um olhar, uma lembrança...
– Não sejas como o Amor!
- É verdade que vens, como se fosses
Uma parte de mim que vive longe,
15 Presa ao meu coração
Por um elo invisível;
Mas não regressees mais sem que eu te chame,
– Não sejas como a Saudade!
- De súbito, arrebatas-me através
20 De zonas espectrais, de ignotos climas;
E, quando desço à vida, já não sei
Onde era o meu lugar...
Poesia! Nunca mais venhas assim,
– Não sejas como a Loucura!
- 25 Embora a dor me fira, de tal modo
Que só as tuas mãos saibam curar-me,
Ou ninguém, senão tu, possa entender
O meu contentamento...
Não venhas nunca mais sem que eu te chame,
30 – Não sejas como a Morte!

Carlos Queirós (Portugal), *Poesia de Carlos Queirós* (1966)

- A partir do que diz o poeta, procure sintetizar a concepção que o mesmo tem da poesia.
- Ponha em evidência a estrutura externa do poema e diga em que medida está ela de acordo com o conteúdo semântico e o seu desenvolvimento.
- De que recursos literários se serviu o poeta? Dê exemplos e procure mostrar o efeito conseguido.
- Apresente a sua reacção perante esta invocação à poesia.

1. (b)

As ilusões diárias

AS ILUSÕES JÁ NÃO SÃO AS MESMAS. Nem por isso serão menos intensas menos duradouras. Pois onde quer que se alojem, estas ilusões ruborizam ainda o coração da mulher contemporânea, irrigam-lhe os sentimentos, emprestam-lhe a linguagem do mistério, natural em quem leva no plexo a matéria da criação e participou ativamente na inauguração do mundo.

Consciente, contudo, das adversidades sociais que cercam a sua espécie, a mulher empreende hoje a tarefa histórica de exigir, de volta, a casa que lhe foi extorquida pela força persuasiva dos preconceitos, da desvalorização, da menos-valia social. Quer viver a formidável aventura de instalar-se em um lar que não lhe ofenda o talento, não lese os seus direitos, não a tutele, não a humilhe intelectualmente.

Nesta empreitada, a mulher planeja dispor das peças inteiras da casa, quintal e todas as geografias incluídos, sem temer as consequências deste género libertário. De uma casa a que chega levada pela esperança de ser feliz, de espargir entre todos noções irrenunciáveis de respeito e liberdade. De uma casa que não recorde o desterro de outrora, as senhas de uma identidade sem nome, o paraíso das incertezas. De uma casa onde as emoções ancoram junto à sopa fumegante sorvida em torno da mesa. Onde o drama e a quimera, sob o manto da ambiguidade humana, enlaçam-se na expectativa do futuro.

Esta mulher, simultaneamente arcaica, moderna e contemporânea, intui que é mister redefinir esta pátria constituída de paredes e telhado, onde pousam suas esperanças, suas admoestações, seu ideário estético, seus estatutos afetivos, sua trajetória histórica. Onde havendo todos nascido continua ancoradouro das desamparadas ambições coletivas.

Neste epicentro, deserto e oásis ao mesmo tempo, único lugar da conciliação humana, a mulher sente o gosto oriundo do enigma e do sagrado. Anuncia seu evangelho com palavras que aportam nova ênfase semântica. E para onde siga, leva a casa às costas, como o caramujo.

Afinal esta casa confere-lhe orgulho, responsabilidade, direitos inalienáveis. É o reduto de uma memória graças à qual reafirma sua aventura individual e colectiva, assenta a alma em meio às alfombras¹, acende as chamas da vida, sacia a própria fome, abastece o mundo com o leite e o mel da sua generosa condição humana.

Nélida Piñon (Brasil) *Até Amanhã, Outra Vez* (1999)

- Apresente, em breves palavras, uma ideia geral do problema apresentado no texto.
- Do ponto de vista estrutural, procure evidenciar a relação que existe entre o segundo e o terceiro parágrafos.
- Justifique o título do texto.
- Mostre em que medida foi sensível à realização literária do texto: refira-se à linguagem e aos processos estilísticos utilizados.

¹ alfombra: tapete, campo arrelvado